

Petição On-line

Petição:	Individual
Nome do 1º Peticionante ou de Pessoa Coletiva:	Urbana Maria Bolota Cordeiro
Morada:	
Local:	
Código Postal:	
Endereço Eletrónico:	
Documento de identificação:	BI N° válido até:
Objeto sucinto da sua Petição:	Criação de lei em que "amarrar" um doente é crime como em Inglaterra
Texto da sua Petição:	<p>Exma Senhora Presidente da Assembleia da República, Na sequência de queixa já apresentada, que junto abaixo, venho solicitar a V. Exª que perante o exposto, e em respeito ao meu Pai, para que ele não tenha morrido em vão e, tendo presentes todos os que sofrem esta violência, se digne providenciar para que seja criada uma lei, tal como em Inglaterra, em que seja consignado que o ato de "amarrar", ou prender, um doente é crime...., como sucedeu com o meu Pai, ressalvando apenas exceções, bem fundamentadas e de último recurso, após esgotadas todas as outras alternativas e após tentadas todas as diversas estratégias e passando ao ato de prender, fazê-lo com os devidos cuidados e sem pôr em perigo a vida do doente. Seja em que situação for, a família, obrigatoriamente, deve ter conhecimento, para poder optar por outras alternativas, se assim o entender, podendo, levar o doente para o particular, onde pode assisti-lo e até dormir, evitando prendê-lo....chegando até a cama à parede, ou pondo almofadas, pois aí há mais liberdade de estratégias.... A exceção terá sempre de ser bem fundamentada e a família informada antes para poder decidir e apenas, quando não há outras alternativas, ou quando já se esgotaram todas as restantes, sendo estritamente imprescindível para a recuperação do doente, e se não outras formas de o evitar. Nesse caso , deve prender-se adequadamente o doente e o menos agressivamente possível, (de lado, para evitar a aspiração do vômito, que foi o que aconteceu, neste caso concreto...), não pondo ao prender, em perigo a vida do doente e com a largueza e flexibilidade possíveis, com bandas, arranjando todas as estratégias o menos traumatizantes e violentas possível... .. Pede deferimento. Agradecidas pela atenção. Com respeitosos cumprimentos. A filha Urbana Maria Bolota Cordeiro.</p> <p>Queixa</p> <p>Ex.mo Senhor Director: Hospital Pedro Hispano de Matosinhos Aida Bolota Peixoto, portadora do Bilhete de Identidade nº , emitido em , vitalício, pelo arquivo de Identificação de Lisboa, residente em , na qualidade de viúva de Manuel Urbano Cordeiro, vem apresentar a seguinte queixa / reclamação que pretende integre o livro amarelo e seja remetida ao Ministério da Saúde: Descrição dos factos: Dia 24 de Agosto de 2011,</p>

pelas 11 horas sensivelmente, o meu marido deu entrada, nos serviços de Urgência desse Hospital, pelo próprio pé e perfeitamente consciente (o que foi perguntado e registado na triagem, mas infelizmente estas informações essenciais não são consideradas, "a posteriori", no internamento, não havendo ligação e sintonia das informações, como devia acontecer). Verifica-se uma grande falta de feed-back em relação às informações essenciais, a todos os níveis...). Estando a vomitar, motivo porque fomos ao hospital, foi-lhe diagnosticada pneumonia de aspiração, ficando internado, no 4º Piso, M 22. Permaneceu nas urgências, onde a minha filha esteve sempre com ele e o agasalhou. Eu, pedi, depois da minha filha, com grande insistência e preocupação, recomendando aos enfermeiros que o agasalhassem bem e lhe pusessem um cobertor na cama, por ele ter já 95 anos e meio e ser muito sensível ao frio e, este ano, ser um Verão bastante frio, sobretudo à noite. Estava frio no vosso hospital. Eu, aí andei sempre de camisola interior de algodão e casaco igualmente de algodão. O enfermeiro pareceu muito prestável e disponível, prometendo fazê-lo, pelo que fiquei descansada, mas não o fez. Abusiva, violenta e agressivamente prenderam o meu marido à cama, (como ele nos confidenciou no dia seguinte, mas apenas pelas 4/5h da tarde, o que nos deixou intimidadas, por ser um pouco tarde para o levarmos para outro lado, ou para o particular). No dia seguinte, às 11 h, perguntei, como estava e se continuava a vomitar. Apenas foi referida a necessidade de uso de cremes na pele, sem qualquer referência, nem recomendação em relação à pneumonia, algo tão grave, sobretudo nos idosos, uma das maiores causas de morte, nesta faixa etária. O meu marido andava pelo pé dele e nunca estivera acamado, nem tivera qualquer ferida, ou escara e os cremes não deveriam ser a grande e parecia a única preocupação do momento. A fralda, no caso do meu marido, que estava consciente, deveria ser apenas, como prevenção, devendo facultar-lhe o urinol, esperando um pouco e ajudando-o e não violentando-o a urinar na fralda, como abusivamente fizeram, amarrando-o por querer usar uma faculdade que ainda possuía e que aí, deviam estimular, em vez de atrofiarem, punindo. Sem dúvida que é mais fácil violentar os velhinhos e atrofiar as capacidades e a autonomia que ainda possuem, assim podem dormir descansados. Era prioritário, tentar saber algo em relação ao seu estado psíquico e pedirem autorização à família para prendê-lo, indagando como estava de autonomia, para saberem como proceder, quando ele quis urinar e perguntando se ele urinava por ele, ou com ajuda e se era necessário prendê-lo? No dia seguinte, em vez da insistência nos cremes, deviam fazer recomendações básicas sobre a pneumonia e indagar da sua autonomia para saberem como agir. É mais cómodo, não querer saber e como confessaram, prenderem-nos a todos... Tal é lamentável e psicologicamente negativo e agressivo, podendo mesmo ser prejudicial à própria convalescença do doente. Prender o doente, apenas em última instância, ou quando for essencial para a cura, ou o perigo de não estar preso for extremo e, não houver outra alternativa...., o que não era o caso, devendo sempre informar a família que deverá, ou não autorizar, ou tomar outra opção, levá-lo para o particular, onde pode dormir com o doente e tomar conta dele, não precisando estar preso... O meu marido estava, num cadeirão, com os braços totalmente descobertos e os pés no chão, embora com meias e com um ar triste e calado, pois durante a noite tinham-no amarrado e dado um sedativo, quando ele não era violento, nem tirava nada, nunca sujou a roupa com sangue por tirar o soro...nem nunca deu más noites e

estava calmissimo na Urgência. É lamentável que limpem o chão, em quase todos os hospitais, quando cai algo com um lençol e, não tivessem algo para lhe pôr por baixo dos pés. Na cama, estava apenas o lençol e, não havia qualquer cobertor como tinha prometido o enfermeiro, ao telefone, na noite anterior às 21h.... Pedimos um cobertor novamente, mas, argumentaram apenas haver edredons e colchas e não se incomodaram em satisfazer, ou solucionar de outro modo o meu pedido, pelo que inferi que durante a noite, ficara só com o lençol, passando frio, como eu com 83 anos, bem mais nova, tinha, no momento. Pedimos, de novo, uma colcha que, não foi dada logo e, que mais tarde, verificámos, ser uma mera capa de edredon que não agasalhava nada. Como não tinha febre, apresentando apenas esporádicos casos febris, deveria estar, segundo pessoal de enfermagem do mais simples até a especialistas, agasalhado com a roupa normal, do dia a dia, e ele em casa dormia com dois cobertores de algodão, pois como todas as pessoas de idade tinha frio, pois é normal terem sempre frio. Tal cuidado com as pessoas idosas, não aconteceu aí, pois apesar dos meus pedidos com 83 anos que também sentia frio, o edredon nunca apareceu. Eu, andava como já referi, mas reitero, para perceberem, bem a vossa negligência de casaco de algodão e de camisola interior de algodão, fininha. A esposa do senhor da cama em frente, queixou-se igualmente do frio, e até comentou ter desabafado com o filho, sugerindo-lhe levarem um cobertor de casa. Todos sabemos que foi um fim de Agosto muito frio, como se vinha constatando e informava a Meteorologia, o que também se sentia no vosso hospital e até em gente nova que foi muito afectada a infecções respiratórias e problemas deste foro neste Verão..., mas nada fez com que se debruçassem com a atenção, a prudência e a humanidade que a situação exigia. Perante a pneumonia e cuidados básicos a preocupação foram os cremes, era bem desuntado, em detrimento do essencial que era não poder comer, pois entrou a vomitar e continuava, e ter agasalho adequado, não devendo ser preso... Se queriam prendê-lo por medo e quererem dormir descansados, em última instância, punham-lhe as grades e prendiam-no ao travesso, com dois lençóis, ou uma banda de pano e certa largueza. Aliás às 11 h, quando eu cheguei, no cadeirão não o tinham preso, pois ele não precisava e não tirava nada do que lhe punham..., nunca tirou o soro, ou o oxigénio, só se depois de irritado, tirasse o oxigénio por não lhe darem o urinol, tal também eu faria, ou qualquer um. À refeição, veio um almoço normal, e apesar de insistirmos, que assim que começava a comer, continuava a vomitar, foram dadas ordens para se continuar a dar de comer. Perante a circunstância de vômito, não devia comer e deveria ser uma enfermeira a dar a refeição, deveria estar apenas com líquidos frios até reagir ao antibiótico. Não avisaram a médica que continuava a vomitar, para ela poder alterar as ordens, que jamais deveria ter dado de poder comer e que foram fatais.... É notória uma grande falta de sintonia e feedback, em relação às informações a ceder aos médicos, pois não foi tomada qualquer medida... e assim se põe em risco a vida dos pacientes... Meu marido passou a tarde muito bem, passeando pelo pé dele, pelos corredores até ao fundo do piso, e conscientemente (quando a sós desabafou, como já referi e reitero, que o tinham prendido durante a noite e não queria ficar aí). Queixámo-nos à enfermeira chefe e nunca nos convencemos que abusivamente, sendo reincidentes no abuso e crime, na noite seguinte fizessem o mesmo de um modo tão cruel, não arrançando outra alternativa para quem está consciente e sabe o que faz. Quando estava a preparar-se para passear no

corredor, a enfermeira Raquel observou que, como vomitava e se encontrava fraco, além de o oxigénio móvel poder fazer falta a outros doentes, seria melhor permanecer no quarto e “a posteriori” até penso que tinha razão, porém a sugestão tinha sido outra, mas ... Não questionou, no entanto, o facto vital de vomitar, esse sim, factor determinante e erro grave, de estar a comer normalmente, nem avisou a médica, nem me proibiu de lhe dar de comer, como o fez em relação ao passear no corredor, ou seria porque pôr e tirar o oxigénio móvel lhe dava trabalho? A enfermeira Margarida deu-lhe à minha frente, um protector de estômago, que ele ao tentar ingerir de imediato vomitou, ao que eu chamei, mais uma vez, à atenção que por ter sido vomitado não faria efeito, e que talvez fosse melhor alertar a médica, ao que ela argumentou que não tinha importância... Devendo acrescentar que embora não tivesse importância, se estava a vomitar, não deveríamos dar de comer... Como já referi e reitero, quando a sós desabafou que o tinham prendido durante a noite, quando não precisava, pois estava consciente e calmo; questionada a enfermeira chefe, argumentou que queria pôr-se de cócoras para urinar (era exactamente o que ele fazia em casa), apenas deviam levar-lhe o urinol e esperarem que ele urinasse, ou telefonavam a saber e a pôr-me ao corrente, como fizeram em relação ao banho, mas não, o obrigavam a urinar na fralda e pior, deram-lhe um sedativo, o que o deixou prostrado e inactivo. Pensei que, perante o nosso reparo, não o voltariam a prender, mas fingindo que não se tinha dito nada e omitindo, nesta altura, que os predem a todos, na noite seguinte voltaram a prendê-lo e de costas, sendo reincidentes, como nós mesmas vimos, “a posteriori”, o que impediu que o meu marido vomitasse e estando consciente, tal o afligisse muitíssimo, porque deu conta de tudo... Quem de nós, estando consciente gostaria de dormir toda a noite preso e querer vomitar e não poder, por estar preso e de costas, em vez de lado? Que angústia e momento horrível de desespero? No dia seguinte, eticamente tinham obrigação de ser verdadeiros e transparentes e vendo que ele estava lúcido, explicavam o que se passava e o medo que tinham que caísse e partisse uma perna, dizendo claramente o que agora me disseram, “Nós prendêmo-los a todos” e, jamais o deixariamos aí. À noite, veio de novo um jantar normal, voltei a insistir com a enfermagem que continuava a vomitar sempre que comia, e foi dito de novo, para se continuar a dar e ele sempre a vomitar e continuaram sem informar a médica, nem ir uma enfermeira dar de comer. Por volta das 21h, quando saímos, avisámos o enfermeiro que estava ao balcão, que o meu marido estava a vomitar, o que sabemos ser grave, pois além das outras consequências mais graves, o que aconteceu, qualquer um pode engasgar-se, principalmente sendo de idade. O enfermeiro que estava sentado, assim permaneceu, o que nos indignou, pelo que fomos pelo corredor adiante, sempre a olhar para trás e vendo que não se levantava, a minha filha pensou voltar para trás e pedir um termo de responsabilidade e tirar o Pai dali, mas demos o benefício da dúvida, não querendo ser mal educada, e aquela hora..., mas antes o tivéssemos feito e tocado as raias da má educação, foi esse o grande erro.... À uma da manhã, nessa mesma noite, já sexta feira, 26 de Agosto, quis vomitar, pois não terminou de vomitar porque o enfermeiro não foi lá, embora se tivesse advertido, logo ficou com o resto da comida e vómito entalados na garganta, Durante a noite, ainda vomitou, pois de manhã a camisola interior que mudaram tinha indícios do vómito, mas, estando preso e muito bem amarrado, e tendo-lhe sido ministrado um sedativo, não pôde pôr-se em

posição adequada e aspirou parte do vômito. ... Estando consciente, não era preciso estar preso, nem dar sedativo nenhum, pois estava calmo e não tirava nada do que lhe era posto e se não estivesse preso, vomitaria por si, virando-se e expelindo o que era necessário..., desembaraçando-se de qualquer situação com autonomia e sem incomodar ninguém, como fazia em casa e aí quando passeou muito bem pelo corredor..... Sexta, depois de "cavalo morto, cevada ao rabo", ainda tentaram entubar, mas não conseguiram e sabendo a grande falha que tinham cometido, não vi qualquer preocupação de avisarem a médica e tentarem um soro glicosado.... Como era fim de semana, a própria médica, tendo conhecimento já, da grande falha cometida e que tentou camuflar, dizendo apenas que meu marido estivera muito mal, durante a noite, não mais apareceu e não teve a hombridade de dizer que por estar a comer, aspirara o vômito.... A médica, mandou entubar, "a posteriori", mas não conseguiram... Porém, já esta atitude foi de remediação, pois com soro, ou soro glicosado, (dois dias ou três), o organismo, quando o antibiótico fizesse efeito, reagiria, uma vez que estava muito bem e a pneumonia era apenas na base do pulmão direito, deixando de vomitar. Perguntámos, se não a tinham avisado e não tinha deixado, ou dado ordens para fazerem algo pelo meu marido, pois viamo-lo a piorar. Poderiam mandá-lo para os Cuidados Intensivos, uma vez que já tinham falhado, ou fazer algo, mas nada..., nada fizeram para salvar o meu marido, mas a negligência para o debilitar, tornando a situação irreversível, não falhou. Domingo, às 11h, queixámo-nos, de novo, e dissemos que era melhor chamarem a médica, (nós leigas, vimos o que os profissionais de saúde não viram, nem querem ver porque não há interesse pelos doentes que, para alguns, são apenas "mais um...", são número..., mas números essenciais par a o ordenado ao fim do mês...) . Apenas chamaram a médica, já tardiamente, às 16 h sensivelmente, quando de novo, as chamámos à atenção, e disse "o meu marido já não abre os olhos e está a desfalecer e muito frio". A médica, sendo chamada tarde apresentou-se, quase à hora de meu marido falecer, 16h e 40m, tendo sido feito o primeiro pedido de médica, às 11 horas. Tal é inadmissível e uma vergonha, em pleno século XXI, ..., sendo um engano para os familiares que acreditam nos hospitais e põem a vida dos que lhes são mais queridos, nas vossas mãos. O desfecho poderia ser o mesmo, mas se houvesse cuidado, interesse e sobretudo não enganassem em relação ao prenderem-no, e afirmarem que os prendem a todos.....aceitariamos, pois ninguém é dono da vida, e todos falhamos, mas os erros foram muitos, a negligência extrema e foram chamados à atenção e não ligavam.... Enganando-nos constantemente... Reiteramos "que legitimidade, que autoridade têm para prenderem pessoas conscientes e que não tiram nada do que lhes põem, não informando a família para poder optar? Em síntese: - O meu marido, entrando com pneumonia de aspiração estava a vomitar e aí entrou a vomitar, sendo a causa de eu ir ao hospital: - foi-lhe dado de comer a vosso mando e com vossa autorização, depois de alertados várias vezes, por mim e minha Mãe de que continuava a vomitar; - perante a circunstância de vômito, deveria estar apenas a líquidos frios e soro, ou soro glicosado, uma vez que não tinha diabetes, até ver como reagia, enquanto não parasse de vomitar, ou prolongando-se o vômito entubavam; - devia ser uma enfermeira a dar a refeição e vomitando não dar absolutamente nada, o que foi feito "a posteriori" quando a asneira já tinha sido feita e já tinha aspirado o vômito aí . - Foi violentamente preso sem razão, apenas por não querer urinar na fralda, mas sim normalmente,

chamados à atenção continuaram a prendê-lo. - estava consciente e não tirava o oxigênio, pois nas urgências nunca o tirou, nem comigo no dia seguinte, nem tirou nunca o soro, como fazem alguns que é necessário picá-los constantemente, ora isto era um indício da sua lucidez e consciência . - foi-lhe dado um sedativo, com que legitimidade se estava calmo? Tal, deixava-o prostrado e acrescentar ao facto de estar preso, conseqüentemente evitou que ele se pusesse em posição adequada para vomitar, o que fazia em casa com facilidade. - claro, que os cremes, obrigando-o a urinar na fralda, tornavam-se extremamente necessários, antevendo o medo de escaras que não levava e aí, certamente arranjaria, devido à falta de adequação e resposta à autonomia que ainda possuía. - Se tivessem sido verdadeiros quando questionámos porque o prenderam e dissessem logo que os prendiam a todos, como me disseram em desabafo, mais tarde, por receio que caíssem, eu levá-lo-ia de imediato para o particular, aí poderia dormir com ele e faria o que fazia em casa, urinando por ele, autonomamente, sem precisar sequer de fralda e sem me incomodar, ou me causar qualquer mal estar, pois nunca me perturbou durante a noite, ou me deu uma noite má. - Não deveriam antes de os prender indagar do estado psíquico dos doentes e informar a família das vossas intenções por receio, mas o que é exequível através de práticas violentas, agressivas e abusivas? - Não deveriam deixar a família resolver, decidir e optar? Não acham que temos esse direito...? Como, eu, estive hospitalizada na Guarda (dois meses, e um mês, nos Cuidados Continuados, posso comparar) e afirmo que nunca fui presa, excepto momentaneamente, quando arrancava tudo, (soro e alimentação parentérica) o que nunca se passou com o meu marido. Porém, na Guarda, tinham o cuidado de a prenderem sempre de lado, explicando-me o porquê como devia proceder em tudo, quando eu estiva com ela durante as visitas. Aí, nunca vi nenhuma preocupação.... - Aceitar-se-ia ser preso, sendo necessário, para evitar males maiores, não era o caso, mas sendo preso seria de lado, para o vómito não o engasgar e ser aspirado que foi o que aconteceu e nunca de costas, de barriga para o ar, como procederam. - A negligência foi extrema e os erros graves e básicos, podendo afirmar que foram a "causa causal", (expressão dele), da sua morte, devido à aspiração de parte do vómito para os pulmões que geralmente é fatal, sendo pior com a idade dele.... Não quero que ninguém mais passe por esta experiência tão dolorosa e negativa como a que eu passei por incompetência e desumanidade... Perante tal, optei por dar andamento ao processo para tentar evitar outras vítimas, que estando bem vão buscar a morte ao vosso hospital... Pede deferimento. Agradecida pela atenção. Com respeitosos cumprimentos. A esposa, Aida Bolota Peixoto e a filha , Urbana Maria Bolota Cordeiro